



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

ELIETE BARBOSA RIBEIRO

ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA

**CAMPINA GRANDE
2018**

ELIETE BARBOSA RIBEIRO

ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof^a. Ms. Joana Darc Pereira de Sousa.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R484a Ribeiro, Eliete Barbosa.
Adolescência e Violência na Escola [manuscrito] : / Eliete
Barbosa Ribeiro. - 2018.
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Joana Darc Pereira de Sousa,
Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Adolescentes. 2. Violência. 3. Violência escolar.

21. ed. CDD 371.782

ELIETE BARBOSA RIBEIRO

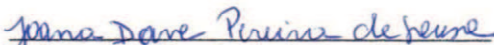
ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA

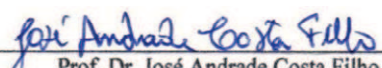
Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

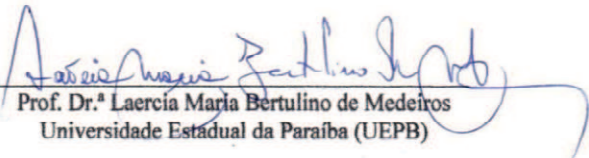
Área de concentração: Educação

Aprovada em: 26/04/18

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Joana Darc Pereira de Sousa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Andrade Costa Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr.ª Laercia Maria Bertulino de Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à Deus, por ser essencial em minha vida, que me deu energia e benefícios para concluir todo esse trabalho. Obrigada por todas as alegrias, saúde e pela força que me concedeu para que eu conseguisse chegar até aqui.

À professora Joana Darc Pereira de Sousa, que se mostrou sempre, não só como uma mestra, mas uma amiga, que me deu forças e me conduziu nesse processo de maneira acolhedora, agradeço a contribuição e suas carinhosas observações.

Ao meu esposo Isaías Monteiro que, com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Agradeço também ao meu pai (in memoriam) que sempre torceu para que eu chegasse a esse estágio de minha vida.

Aos meus filhos Ítalo e Igor, que são meus alicerces para todo o meu empenho e dedicação, tenho por eles um amor incondicional, onde sempre obtive forças para lutar e nunca desistir. Sem vocês eu não teria conseguido.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a realização desse trabalho, seja direta ou indiretamente.

“A escola sempre foi um refúgio contra a violência para crianças e adolescentes. Hoje, ironicamente, a violência está na escola.”

Douglas Rodrigues da Silva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	ABORDAGEM HISTÓRICA DA ADOLESCÊNCIA.....	8
3	VIOLÊNCIA.....	12
3.1	Conceito de violência.....	12
3.2	Tipos de violência.....	13
4	ADOLESCENTE E VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	15
4.1	Fatores que levam adolescentes a praticarem atos violentos.....	17
4.2	Consequências da violência na escola.....	21
4.3	Prevenções da violência na escola.....	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS.....	29

ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Eliete Barbosa Ribeiro*

RESUMO

O presente artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica, onde irá abordar de forma clara e precisa a temática adolescência e violência nas escolas. Através de uma abordagem histórica sobre a adolescência, desde os tempos antigos até os dias atuais. Exibir os conceitos de violência, os diversos tipos e os principais fatores que levam os adolescentes a praticarem atos violentos, principalmente no ambiente escolar. Destacar as consequências que a violência pode acarretar, mais especificamente, no que diz respeito ao desempenho escolar. Os nossos objetivos são, dar ênfase às razões psicológicas que levam os adolescentes a praticarem atos violentos na escola. Apresentar algumas formas de prevenção, envolvendo as famílias e educadores, visando minimizar cada vez mais essas práticas, bem como obter um convívio escolar mais saudável e seguro para esses adolescentes e todos que façam parte do contexto escolar.

Palavras-Chave: Adolescentes. Violência. Escola.

1 INTRODUÇÃO

A violência nos dias atuais é um dos temas mais alarmantes para a sociedade, principalmente quando se trata da violência praticada na escola envolvendo adolescentes, tanto vítimas quanto agressores. O trabalho exposto irá enfatizar, preferencialmente, os motivos que levam os adolescentes a cometerem atos violentos na escola.

Notícias de veiculação na mídia falando a respeito de jovens agressores nas escolas estão ocorrendo com mais frequência. Muitos deles estão portando armas em sala de aula e chegam a agredir e até matar os seus colegas, educadores e trabalhadores que fazem parte da instituição educadora.

Foi realizada uma abordagem histórica sobre a adolescência, analisando a sua origem, surgimento e o seu comportamento e conduta desde os tempos antigos até os dias atuais. Em seguida, falamos sobre alguns conceitos e tipos de violência existentes, expondo os seus aspectos e classificações.

Uma apresentação sobre os diversos fatores que levam esses jovens a demonstrarem ou apresentarem essas atitudes agressivas e ofensivas com as pessoas em seu convívio cotidiano, e mais especificamente no ambiente escolar.

*Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: eliete-ribeiro1972@hotmail.com

Tratamos também sobre a violência retratada pelo adolescente em seu contexto escolar, analisando as consequências acarretadas, alterando e interferindo na rotina pedagógica, discente e familiar dos próprios adolescentes e o que pode ser feito para prevenir a ocorrência constante de tantos atos violentos tanto dentro como fora da escola.

Enfatizar a educação como forma de prevenção e combate a prática da violência, uma vez que ela abre portas para o desenvolvimento racional, psicológico e evolutivo de um indivíduo.

Este trabalho é proposto às famílias e professores dos adolescentes, pois são eles que convivem diariamente com os mesmos e podem analisar e influenciar os seus comportamentos, verificar o que os leva a apresentar determinada conduta agressiva e como podem contribuir para a prevenção dessa prática que causa danos e fortes traumas não só nas vítimas, como também no próprio agressor.

2 ABORDAGEM HISTÓRICA DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência foi compreendida desde a Antiguidade Clássica e Idade Média para chegar à Idade Contemporânea. Desde os séculos XVIII e XIX, a civilização ocidental sofreu diversas modificações marcando o individualismo, com a visão de que cada indivíduo é livre para desenvolver o seu próprio itinerário. A partir dessa fase individualista, o adolescente requer a sua própria orientação, marcando assim a sua identidade no tocante à família.

O conceito de adolescência surge na cultura ocidental no contexto da consolidação do individualismo – cujo marco histórico fundamental é a Revolução Francesa – articulado à constituição dos limites entre as esferas públicas e privadas da vida social. Nesse sentido, pensamos que só é válido falar em adolescência se nos referirmos a um contexto sociocultural individualista, onde a cada indivíduo é delegada a responsabilidade de administrar seu próprio destino, encontrando seu lugar no social da maneira que lhe for preferível ou possível. (COUTINHO, 2002, p. 17-18).

A palavra adolescente tem origem latina *adolescere* ou *adolescentia*, que significa crescer, fazer-se grande, brotar, expressando a necessidade de descobrir o mundo ao seu redor. O adolescente abandona seu interior infantil e inicia seu interior adulto. É um estágio da vida humana que se divide entre a infância e a maturidade.

O conceito de adolescência enquanto um processo relativo a um período particular na vida de um indivíduo, situado entre a infância e a idade adulta,

tem uma origem bastante recente na história social do Ocidente, e seu sentido atual só foi definitivamente consolidado no final do século XIX (Ariès, 1973). Segundo o dicionário etimológico Larousse (Pechon, 1964), o termo adolescência vem do latim *adulescens* ou *adolescens*, particípio passado do verbo *adolescere*, que significa crescer. Entretanto, nas línguas derivadas do Latim, o termo apresentou durante um longo tempo um sentido sobretudo depreciativo e satírico, sendo somente por volta de 1850 que a palavra adolescência entrou para os dicionários e adquiriu um sentido mais próximo ao que tem atualmente. Assim, a adolescência é um conceito construído historicamente na Modernidade, que adquire vários desdobramentos até o momento atual. (COUTINHO, p. 17, 2005)

Porém, esse estágio é uma circunstância cultural, pois cada grupo, povo e sociedade obtém um modo diferente de contemplar os adolescentes, com uma forma particular de versar sobre esse período, mas sempre adentrando no contexto sociocultural e histórico da adolescência. A passagem da infância à adolescência é um produto típico da nossa civilização. Nesse novo contexto cultural, a adolescência ganha um lugar de destaque, apresentando-se como um conceito próprio e singular de uma cultura em que a liberdade e a autonomia tornaram-se os valores predominantes. “Assim, o surgimento da adolescência articula-se ao ideal de liberdade presente de forma cada vez mais dominante na cultura ocidental desde a Modernidade, de modo que o século XX faz da própria adolescência um ideal cultural.” (COUTINHO, p. 18, 2005 apud CALLIGARIS, 2000, p.24).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Saúde (MS) e a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), a adolescência se estabelece entre as faixas etárias com 10 e 19 anos de idade. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) determina que a adolescência inicie a partir dos 12 anos de idade e perdure até os 18 anos de idade.

A adolescência é tida como uma das fases mais importantes do ser humano, pois, é um período de mudanças, ou seja, o processo é de forma gradativa, cujo desenvolvimento ocorre de maneira progressiva do momento de transição da infância para a adolescência. É estabelecida como uma das etapas mais difíceis, pois trata-se de uma fase de alterações físicas e mentais, que não só acontece no próprio adolescente, mas também relativamente ao espaço ao seu redor, isto é, ao nível social. É um período da vida humana, uma etapa que está entre a puberdade e a maturidade, uma classificação que obedece a razões fisiológicas, mas também de índole psicológica e cultural. Em consideração à construção social e histórica do conceito de adolescência, pode-se dizer que a adolescência é resultado de um enigma relativo à passagem da infância para a vida adulta.

A adolescência é um fato cultural, pois o modo como cada sociedade lida com os seus jovens é particular e articulado a todo o seu contexto sociocultural e histórico. A passagem da infância à maturidade, vivenciada como a „crise adolescente“, é um produto típico da nossa civilização. (COUTINHO, p. 26, 2002)

Como o adolescente começa a passar por um processo de transformação, inicia-se uma capacidade de senso crítico, e decorrente disso, podem ocasionar crises comportamentais, sejam elas religiosas, culturais, condutas sociais reivindicatórias e até mesmo contraditórias, pois o desenvolvimento cognitivo do adolescente já permite criar conjecturas.

A Psicologia do desenvolvimento desenvolveu estudos que permitiram compreender a existência de inúmeros fatores que influenciam a adolescência e acabam afetando a participação do aluno na escola e nas suas relações familiares e, em 1950, a adolescência passou a ser considerada não como crise, mas, um estado, como o modo de ser ou o estado dos jovens. (GOUVEIA, 2010, p. 19 apud BENEVIDES & GUERREIRO, 2001, p.12)

Geralmente alguns adolescentes costumam ser mais sensíveis, agindo por impulsos, com rebeldias, gritos, sentimentos de ódio, mas ao mesmo tempo podem agir com sentimentos diversos, com oscilações de atitudes, sendo brincalhões, carinhosos e alegres. Essas variações vão de acordo com cada indivíduo, tendo suas particularidades, sendo que uns apresentam quadros mais significativos do que outros ou até mesmo mais drásticos. São nessas ocasiões que os adultos não sabem como lidar e agir, e acabam confundindo e dificultando a sua forma de aprendizado, pois o adolescente ainda está buscando sua própria identificação e independência.

A evolução de um indivíduo não depende somente da capacidade intelectual garantida pelo caráter biológico, mas também do meio ambiente que também vai condicionar a evolução, permitindo ou impedindo que determinadas potencialidades sejam desenvolvidas.

Para Vigotsky (1989, p. 32), “O desenvolvimento de um indivíduo caracteriza-se, de início, pela ação que transcorre sob condições de dinâmicas, mudanças no organismo, o desenvolvimento cultural se encontra sobreposto aos processos de crescimento, maturação e seu desenvolvimento orgânico”.

Na visão dialética e materialista de Wallon (2008 p. 34-39), é que as contradições e sobreposições caracterizam a funcionalidade da dinâmica do desenvolvimento, ou seja, que os conflitos e as contradições são características constitutivas da dinâmica do progresso, e não, problemas a serem combatidos por educadores e outros profissionais dedicados à infância, que essas situações contrapostas

fazem parte da evolução natural do adolescente, afirmando que as crises do processo de desenvolvimento possuem um papel estimulante, sendo assim, benéficas.

O surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-as e ressignificando-as. [...] atravessa diferentes estágios que oscilam entre momentos de maior interiorização e outros mais voltados para o exterior. Entre os seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. [...]. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento. Não obstante esta permeabilidade às influências do ambiente e da cultura, o desenvolvimento tem uma dinâmica e um ritmo próprios [...]. (WALLON, 2008, p. 34-39)

O ciclo entre as fases da criança e adolescência acarreta alguns confrontos psicológicos, na necessidade de desenvolvimento de autonomia, a perda da proteção dos pais e muitas outras mudanças, tudo isso gera novas emoções, discernimentos e ponderação, onde a partir de então o adolescente irá criar as suas próprias ideias e experiências sobre o mundo, criando a sua própria identidade.

De acordo com o pensador Jean Piaget, o desenvolvimento ocorre através de vários estágios, e nesses estágios, a inteligência e a afetividade vão alternando em termos de importância. Atribuiu à afetividade uma transcendência significativa no processo pedagógico, surgindo nesse meio com grande relevância na educação. A afetividade determinando o tipo de relacionamento entre o professor e aluno, tendo assim um grande impacto na forma como o aluno adquire novos conhecimentos. Por muitos anos, o aspecto cognitivo tem sido o principal alvo da atenção, e a evolução da área afetiva é frequentemente esquecida, o que impede o aluno de atingir o seu máximo potencial.

Entre os seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. [...]. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento. Não obstante esta permeabilidade às influências do ambiente e da cultura, o desenvolvimento tem uma dinâmica e um ritmo próprios [...]. (WALLON, p.39, 2001)

Portanto, o processo de desenvolvimento do adolescente é todo um conjunto da maneira e da forma que esses pensadores, autores e especialistas na área da psicologia educacional estabelecem, pois, toda e qualquer forma de aprendizagem contribui para esse desenvolvimento. O adolescente necessita de afetividade tanto dos pais quanto dos seus educadores, de adequação ao meio ambiente onde se encontra e principalmente mudanças cognitivas.

3 VIOLÊNCIA

A violência envolve fatores sociais muito complexos. E esses fatores para a sociedade possuem visões diferentes acerca do tema, o que lhe confere um caráter com diversos conceitos. Será feito uma análise dos variados conceitos de violência e quais são os seus tipos e formas, abordando os seus aspectos e classificações.

3.1 Conceito de violência

A palavra violência é derivada do latim, *violentiae*, que significa força, impetuosidade. É utilizada para nomear condutas diversificadas, admitindo múltiplas possibilidades no seu significado.

A violência sempre passa pelo julgamento moral da sociedade e que essa sociedade a vê de acordo com sua realidade e como ela se apresenta no dia-a-dia. Assim, percebe-se que a violência, para o senso comum contemporâneo, está baseada na questão criminal e delinquencial, com suas manifestações física, econômica e moral (simbólica). Há a violência que está interiorizada na consciência, relacionada à negação de direitos, um instrumento de poder, portadora de especificidade histórica. É importante também citar, como formas de violência, a negligência e a omissão para se desnaturalizar processos estruturais e atitudes de poder. (PEDROSA, 2011, p.25 apud MINAYO, 2005, p.19).

Para Charlot (2005), a violência é um conjunto de ações irregulares, que denigre a condição do ser humano e é contrário aos direitos e dignidades de um indivíduo.

A violência é considerada como um ato, uma palavra, uma situação, etc., em que um ser humano é tratado como um objeto, sendo negados seus direitos e sua dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível. A ausência do Estado junto à grande parte da população influencia, sobremaneira, o modo como essas pessoas irão perceber suas vidas e conviver em sociedade. (PEDROSA, 2011 p. 26 apud CHARLOT, 2005, p.22)

Como bem expõe Minayo (2005), já é um fato antigo e que sempre esteve presente em nosso meio, podendo ser considerado também como um fato histórico e psicológico.

A violência é considerada um problema da teoria social, da prática pública e relacional da humanidade. Convém destacar que nunca existiu nenhuma sociedade onde este tema não estivesse presente, fazendo-se necessário ao ser humano entender a essência desse fenômeno a fim de atenuá-lo, preveni-lo e eliminá-lo da convivência social. A violência pode ser considerada como um complexo e dinâmico fenômeno histórico e biopsicossocial, onde seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade. (...) o locus de expressão dessas subjetividades é o contexto histórico-social, cujas particularidades biológicas encontram as idiosincrasias de cada um e se redefinem nas condições emocionais e socioculturais em que as pessoas crescem e desenvolvem. (PEDROSA, 2011, p.27 apud MINAYO, 2005, p. 69-78).

Na visão de Carreteiro (2003), os mais prejudicados são os que fazem parte da população menos favorecida, que se apresentam em um quadro desigual para a sociedade, que utilizam dessa desvantagem para expressar os sentimentos como forma de violência e agressividade.

Na sociedade, os integrantes de categorias desfavorecidas são expostos, de forma acentuada, a situações de humilhação, desvalorização e constrangimento. Esses indivíduos não experimentam, da mesma forma que os demais, o sentimento de pertença social, não se percebem incluídos na sociedade, o que faz com que usem de violência para expressar tal exclusão. (PEDROSA, 2011, p. 27 apud CARRETEIRO, 2003, p.57-72).

A violência é uma das maneiras que movimentam as relações humanas. Ela não deixa de levar em conta a instabilidade social como integrante de tudo que, em vez de eliminar os antagonismos, busca ordená-los”. (GOUVEIA, 2010, p. 20 apud GUIMARÃES, 1996, P.9).

Dessa forma, através de amplos conceitos e visões analíticas de diversos autores e pensadores a respeito de um tema tão polêmico e que requer até atualmente estudos sobre a sua definição, utilizamos o conceito no qual o contexto do indivíduo influi diretamente para tal ato, sendo um comportamento, a sua origem, o meio ambiente em que vive e ressaltando também que se pode analisar fatos psicossociais e emocionais.

A violência ancorou-se como fenômeno negativo e causador de impactos psicossociais: briga ou qualquer ato de espancar sangrento. É um mal causador de angústia, insegurança e medo, atingindo diferentes classes sociais em todas as idades, motivo pelo qual a mídia global vem reportando de forma enfática sua crescente incidência social.

3.2 Tipos de violência

Apresentamos os principais tipos de violência praticados e sofridos por adolescentes, onde esses atos violentos refletem as frustrações do seu dia-a-dia, principalmente na escola. Neste contexto destacamos os tipos de violência relacionados ao adolescente levando-se em conta o seu desempenho na escola.

Segundo (MARCELOS, p.2, 2017 apud COLOMBIER et al., p. 73,1989; ABRAMOVAY et al., p.50, 1999; p.335, 2002), Os tipos de violência fundamentais a serem estudados e combatidos são:

Violência Contra o Patrimônio – temos a definição de patrimônio sendo o conjunto de bens móveis e imóveis que formam a parte física e material da escola e que, quando postos em uso, não estão sujeitos a danificações imediatas. São exemplos de bens móveis da escola os utensílios, veículos, ferramentas, equipamentos, máquinas e todos os materiais móveis que

façam parte da composição escolar. Já os bens imóveis podem ser inseridos o terreno onde a escola está construída, pátios, quadras, prédios, edificações ou construções do entorno escolar. O patrimônio escolar é um bem de uso comum de todos que o compõem, seja os educadores, professores e todos que o frequentam ou dele utilizam, sendo assim, não deve ser depredado, deve ser mantido em bom estado de conservação e zelo, com obrigação de ser velado. Prevenir o desgaste, planejar a conservação e engajar a comunidade escolar na detecção de problemas é a garantia de uma boa gestão dos recursos físicos e materiais.

Violência Doméstica - é a violência praticada por familiares ou pessoas próximas do convívio diário do adolescente, podendo se manifestar de diversas maneiras, com agressão física, psíquica, sexual e até mesmo omissiva.

É comum a violência através de ameaças, humilhações e outras formas que afetam psicologicamente adolescentes. Muitos pais batem ou até mesmo espancam os seus filhos por acharem que é uma forma de educar, mas que na verdade só estão prejudicando ainda mais, acarretando medo e revolta.

De forma omissiva, alguns pais deixam de fornecer os cuidados necessários ao crescimento de seus filhos, que passam a sofrer privações essenciais à sua formação, como falta de carinho, atenção, alimentação adequada entre outros.

Violência Sexual - É uma das maneiras mais perversas que se pode ter de violência contra o adolescente. Caracteriza-se por atos praticados com finalidade sexual que, por serem lesivos ao corpo e a mente do sujeito violado (crianças e adolescentes), desrespeitam os direitos e garantias individuais como liberdade, respeito e dignidade. Mais comum do que se acredita, ela acarreta fortes traumas nessas pessoas, influenciando diretamente na produção e desempenho escolar.

Violência Simbólica - é a mais difícil de ser identificada ou percebida, porque muitas vezes a escola comete sobre seus alunos e não chegam a reparar que estão exercendo esse ato. A escola tende por anular a capacidade de raciocínio do aluno, a sua forma de pensar, o tornando incapaz de produzir, e deixando-o somente um mero ser repetidor de ações, não oferecendo oportunidades para o seu desenvolvimento, sendo uma pessoa incapaz de criatividade.

A instituição impõe na maior parte dos estudos escolares um conteúdo programático, que para alguns alunos é destituído de interesses e significados. Os professores, as vezes, se recusam a explicar assuntos mais detalhadamente, quando estes não entendem, e ficam com vergonha de perguntar ou assumir que não entenderam a matéria com medo de sofrerem

xingamentos, insultos e chacotas diante dos seus colegas de classe. Ficam abandonados e são desvalorizados com palavras e atitudes de desmerecimento.

Violência Psicológica – é o tipo de violência mais comum entre os adolescentes. Relação de poder com abuso da autoridade ou da ascendência sobre o outro, de forma inadequada e com excesso ou descaso.

Há coerção, na maior parte dos casos ocorrem entre os colegas de classe ou com educadores e funcionários da escola. Os maus-tratos psíquicos ou emocionais, além de tão danosos à saúde do adolescente quanto outras formas de violência, são o tipo de abuso de maior prevalência no mundo. Não há como não haver dano psíquico em situações em que um ser encontra-se em desenvolvimento. Alunos que sofrem injúrias, insultos, ofensas, provocações e represarias de seus colegas de classe ou professores, abalam suas consciências, e muitos não suportam esses tipos de atitudes e chegam até a revidar, como uma forma de defesa e escudo, ou mesmo por vingança.

Violência Física – também é um dos mais comuns dentro das escolas, atos como brigar, bater, roubar, assaltar, espancar, xingar, matar, andar armado, atirar, agressão com objetos, ações que se traduz em marcas visíveis ou não.

Muitos adolescentes chegam da escola em suas casas com arranhões, ferimentos, lesões e machucados, sendo eles graves ou leves. Entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal, sendo uma ação ou omissão que coloque em risco ou cause danos à integridade física de uma pessoa. O adolescente está exposto a condições de vulnerabilidades, tanto na condição de vítima como na de agressor.

4 ADOLESCENTE E VIOLÊNCIA ESCOLAR

Será exposto neste tópico estudos sobre a adolescência e violência na escola, as consequências que podem acarretar tanto no desempenho escolar como na vida desses adolescentes e seus familiares; a interferência da escola, alterando não somente a rotina escolar, como pedagógica e discente, e o que pode ser feito para prevenir tamanha violência no contexto escolar.

Na adolescência, acontecem diversas transformações com o organismo do indivíduo, a partir daí ele começa a ver as situações de forma diferenciada. A escola, para ele, muitas vezes, é um refúgio diante de seus medos e conflitos internos e externos de sua personalidade. E diante disso, acabam passando por cima de valores éticos e

morais de condutas que o definem nessa fase da vida.

Tendemos a pensar que a violência na escola é um fato novo, principalmente porque são cada vez mais frequentes notícias de algum tipo de violência no ambiente escolar. Segundo Charlot (2002), a questão da violência na escola não é um fenômeno novo “assim, no século XIX, houve, em certas escolas do 2º grau, algumas explosões violentas, sancionadas com prisão” (CHARLOT, 2002, p.432) assim como as relações bastante grosseiras entre alunos nos anos 50 ou 60. No entanto o autor ressalta que as violências ocorridas na escola podem não ser novidade, mas elas assumem formas e dimensões inéditas. (SANTOS, p.22, 2011)

Em vários momentos, a violência é cometida como forma de se expressar, como um meio de idealizar uma vontade própria que cada um possui. No aluno, esse expressionismo pode estar ligado à necessidade de preencher valores e culturas das quais ele não tem acesso fora do ambiente escolar e no meio onde vive, e dessa maneira, acaba prejudicando o andamento de seu processo de aprendizagem na escola. Nesses casos, a violência juvenil, precisa ser redimensionada e atendida em seus aspectos geradores de transformação.

Nesta fase são observados relacionamentos turbulentos entre pais e filhos, pois estes apresentam comportamentos de desrespeito com aqueles e com outras pessoas. Os adolescentes revoltam-se, principalmente, com as opressões que são feitas pela sociedade, para que se tornem logo adultos e desenvolvam atividades produtivas, estabelecidas pelos adultos. (BENEVIDES; GUERREIRO, 2001, p.12)

Nessa esfera, a violência entre os adolescentes é considerada um problema de enorme proporção, sendo presenciada em todas as culturas, classes, níveis escolares, renda familiar e origens étnicas, podendo inserir-se nos diversos espaços de convivência social, dentre os quais a própria atmosfera escolar.

Questões importantes são apontadas para o aumento da insegurança dos alunos e a deterioração do ambiente escolar. São alunos que se consideram superiores em relação aos demais, com disputas, rixas, para chamar a atenção e acabam por agredir os seus colegas de classe, ou até mesmo seus professores e demais funcionários da escola.

No que diz respeito à violência na escola, Priotto expõe:

[...] esta, se caracteriza por diversas manifestações que acontecem no cotidiano da escola, praticadas por e entre professores, alunos, diretores, funcionários, familiares, ex-alunos, pessoas da comunidade e estranhos. Caracterizam-se como atos ou ações de violência: Física – contra o (s) outro (s) ou contra o grupo, contra si próprio [...]. Incivildades – desacato, palavras grosseiras, indelicadeza, humilhações, falta de respeito, intimidação ou *bullying*. (PRIOTTO, 2009, p.168)

Os conflitos existentes entre os adolescentes, em muitas ocasiões, é uma forma do indivíduo expor aquilo que vivencia em sua cultura, fora ou dentro da escola, até mesmo em casa, com a família. Se sentem inseguros, diante da diversidade de coisas que o mundo, fora da proteção dos pais, começa a oferecer.

O progresso de cada adolescente ao amadurecimento emocional dependerá, em grande escala, de suas experiências emocionais anteriores. Conforme várias, Escolas Psicológicas, aquilo que foi experimentado na infância desempenha importante papel durante os anos da adolescência. A criança, cujas necessidades de carinho e afeição foram satisfeitas, comumente tem os fundamentais sentimentos de segurança que a capacitam a enfrentar os “stress” da adolescência, com um considerável grau de resistência. Se através dos anos, foi ajudada a entender a si e aos outros, a identificar seus alvos e valores, a ajustar-se às mudanças, em si mesmo e no ambiente, estará bastante fortalecida para enfrentar as tensões e pressões emocionais da adolescência. Nesta fase, será particularmente importante o grau em que desenvolveu a autodisciplina e aprendeu a aceitar as responsabilidades da progressiva proporção de liberdade que vai alcançando. (GOUVEIA, p.20, 2010, CAMPOS, 1998, p.51)

Os familiares também apresentam uma boa porcentagem de culpa em relação à essa violência, alguns pais não tomam a medida necessária para o seu filho agressor, onde o mesmo continua a ser violento, em sua perspectiva de que aquela atitude é correta, e conseqüentemente volta a cometer os mesmos erros.

Nessa perspectiva, a violência se iniciaria na família, com a falta de limites, referências, a desestruturação familiar; nas causas socioeconômicas estariam a exclusão social, falta de oportunidades, a influência da mídia e a falta de perspectivas. A violência no âmbito escolar preocupa professores, diretores, pais e a sociedade como um todo.

Portanto, tem-se a conclusão que violência na escola é a denominação que engloba as diversas formas de violência. Se a violência é a escola ou da escola, estas acontecem no dia a dia da escola seja ela produtora ou vítima da violência.

4.1 Fatores que levam adolescentes a praticarem atos violentos na escola

Dentro e fora do ambiente escolar, há muitos fatores que podem favorecer o adolescente a praticar atos violentos. E alguns desses fatores podem iniciar até mesmo no ambiente familiar dos mesmos. Muitos pais querem filhos excelentes na escola, e muitas vezes não percebem se estes têm interesse ou capacidade para tanto.

É comum que estes filhos fiquem frustrados emocionalmente e psicologicamente, então acabam culpando-se por não corresponderem ao que os pais esperam deles.

Um fator importante é a consequência de se viver num lar devastado ou de pertencer a uma família em que, de fato, não existe vida familiar. Nos dias atuais é comum ver os pais proporcionando aos seus filhos bens materiais, principalmente com equipamentos eletroeletrônicos, onde os adolescentes têm fácil acesso à internet, e acabam por se isolarem em seu mundo virtual, e perdem o convívio social e familiar. Os pais simplesmente esquecem de proporcionar atenção e afeto, educação e bons comportamentos aos seus filhos. Muitos pais fecham os olhos para a educação dos filhos e não impõem limites, gerando adolescentes violentos, principalmente no ambiente escolar, que é o local onde estabelecem sua rotina diária.

Sabe-se que a maioria dos jovens infratores testemunhou ou foi vítima de violência doméstica. Essa experiência pode afetar a forma como o adolescente pode interpretar a realidade, encarando como provocação pessoal situações banais. Como presenciam violência doméstica, o segundo lugar que habitam com mais frequência é a escola, e simplesmente refletem na escola o que presenciam em casa, onde deveria ser o lar um ambiente de paz e sossego para eles, possui a tendência de suceder o seu repertório de reações a comportamentos violentos na escola.

“(…) Parece que o pai é, para a criança, um protótipo de autoridade, ao mesmo tempo que a testemunha da ambiência extrafamiliar e, mais tarde, o vínculo com o que precedeu a criança no mundo das origens” (Wallon, 1989. p. 95). O adolescente é o espelho dos pais, então eles procuram modelos pelos quais se identifiquem com os pais, e por muitas vezes acabam não encontrando na família. Ocorre de maneira oposta, eles aprendem fora do ambiente familiar, aprendem com grupo de amigos e muitas outras aberturas que o mundo lhes oferece. Acabam possuindo uma mentalidade frágil e delicada, absorvendo tudo que estiver por vir.

Um segundo fator de suma importância, e quem tem contribuído bastante para o crescimento da violência na escola é o bullying. É um termo utilizado como forma de

agressão física e psicológica entre os alunos, onde é aceita por muitos estudantes como uma simples brincadeira, mas que gerencia um forte abalo psíquico para quem sofre esse tipo de brincadeira ofensiva.

É um fenômeno que sempre existiu, recebeu essa denominação na década de 70, mas que só obteve forças na década atual, mediante a influência das mídias e redes sociais. A maioria dos adolescentes já sofreram ou correm o risco de sofrer algum tipo de ameaça.

A vítima sofre agressões como empurrões, chutes, apelidos, intimidações, palavras ofensivas, etc. Essas ações acabam com a autoestima da vítima que se sente constrangida, importunada e envergonhada diante dos seus colegas, e, na maioria das vezes fica calada diante dos seus professores e superiores escolar, e até mesmo diante dos pais.

O adolescente chega em casa se sentindo perseguido e humilhado pelo agressor, não querendo mais ir à escola, perde a vontade de estudar e de sair de casa, passando a ser mais fechado e introvertido, ocasionando a queda do rendimento escolar. E algumas dessas vítimas já possuem a sensação de inferioridade dentre os demais, e quando ocorre o bullying, o abalo psicológico acaba sendo muito pior.

Acontece também dessas vítimas chegarem a denunciar os agressores na escola, mas se sentem fracassadas ainda pelo fato de não ter solução para o caso, provas concretas e punição para os agressores. Essas aflições sofridas do bullying geram em muitos um sentimento de revolta e vingança, chegando ao ambiente escolar, muitas vezes portando armas, para vingar-se do colega agressor e às vezes até dos demais que participam da brincadeira de maneira indireta, com deboches e zombarias. Há casos onde essas vítimas matam seus colegas e sucessivamente cometem suicídio.

O bullying é um problema que pode suceder em qualquer lugar do mundo, sendo em escolas privadas ou públicas, de baixa ou alta renda, ou seja, é um fato que não exige condições financeiras estabelecidas, mas que em geral afetam crianças e adolescentes que possuem menos chances de defesa e proteção.

Um outro fator que também contribui para a violência na escola são as brigas por causa de namoros, os agressores geralmente começam ameaçando as vítimas para que elas não namorem seus antigos ou atuais namorados (as), ou até mesmo pessoas que eles possuem simples interesse amoroso.

De certa forma, um namoro ou compromisso sério na adolescência compromete em áreas do desenvolvimento, principalmente o estudantil, pois ao estarem apaixonados tendem a esquecer os objetivos escolares, levando a desentendimentos entre colegas de classe. O que tem acontecido é que os adolescentes possuem um sentimento de posse em relação à pessoa

de seu interesse afetivo e acabam perdendo os limites com suas atitudes, chegando a agredir verbalmente e fisicamente, deixando alunos feridos, hospitalizados, e até mesmo mortos.

Os adolescentes que sofrem esse tipo de agressão podem chegar à fase adulta com sentimentos de angústia, tristeza e impotência representando uma baixa autoestima, com tendência a obter problemas sérios de relacionamento, apresentando comportamentos agressivos. Leme (2004), define agressividade como um caso que deve ser estudado individualmente.

A agressividade é uma defesa que o sujeito utiliza para resolução de conflitos interpessoais, e é uma questão que tem demandado muitos estudos, provavelmente por expor maior risco para os envolvidos nos possíveis confrontos que enseja. A agressão é uma conduta, que além de episódica, não é facilmente definível, assumindo diferentes formas de manifestação, cuja evolução é também variável, e também, porque está sujeita à influência de variáveis, tanto biológicas como sociais. (LEME, 2004, p. 367-380).

A juventude atual está cada vez mais agressiva, principalmente quando se trata do ambiente escolar. A fase da adolescência causa transtorno na mente dos adolescentes que ainda não possuem uma mente totalmente formada, e acabam se sentindo inseguros diante de diversas situações, o fato de agir com agressão ao próximo é uma forma de se auto afirmar sentindo-se superiores frente a suas vítimas. Eles sentem a carência de se exibirem para os seus colegas, e a maneira mais fácil de chamar a atenção é ridicularizando os outros. Encontram na agressividade o modo para se sentirem fortes e corajosos. Pelo fato do adolescente ainda estar em processo de evolução ideológica e comportamental, sofre influências de amigos, se os amigos são agressivos, eles se tornam agressivos e violentos também, não pensando nas consequências de seus atos.

A agressão pode ser definida como qualquer forma de expressão física ou verbal que acarreta danos físicos ou psicológicos a outros indivíduos. (Kaplan, Sadock & Grebb, 1997). Fundamentadas nos estudos de modelo animal sobre agressividade e na Teoria da Aprendizagem Social, a agressão pode ser caracterizada como base na topografia do comportamento manifesto, independente da intenção do agressor ou de uma avaliação moral de seus atos (Tremblay, 2000). Deve ser dada atenção à influência de determinadas condições ambientais que propiciam ou não o desenvolvimento de comportamento agressivo. Privação de alimento ou espaço físico, a retirada do afeto, dos cuidados parentais, a dor física ou psicológica, exposição frequente e/ou por longos períodos à agressividade, por meio de filmes jogos interativos (videogame e de computador), são alguns exemplos que podem ser determinantes potenciais de altos índices de agressividade. (KRTICKA, 2013, p.1)

Em geral, os motivos das brigas entre adolescentes na escola são: preconceitos, inveja, bullying, ciúmes, coisas banais, desentendimentos, fofocas, reputação, popularidade, intolerância, ignorância, rivalidade, falsidade e falta de respeito com o outro.

Todos esses fatores que levam os adolescentes a cometerem atitudes violentas, chegam até mesmo a atribuir comportamentos agressivos e em situações de fortes emoções psicológicas, a vítima poderá possuir tendência ao suicídio.

4.2 Consequências da violência na escola

Alguns adolescentes ao entrarem na escola já trazem consigo um conjunto único de características pessoais, experiências de vida, capacidades já desenvolvidas e potencialidades. Aqueles que já possuem um psicológico afetado por humilhações sofridas por seus colegas de classe, funcionários escolares e seus pais tendem a ser agressivos e a ter comportamentos antissociais fora de casa e principalmente na escola. Contudo, as consequências se agravam.

Sobre a influência que a escola sofre por parte da sociedade, Charlot (2002) afirma que os alunos de classes populares depositam, na escola e no professor, toda a responsabilidade por seu futuro e inserção profissional e social. A escola, dessa maneira, perde a imagem ligada ao prazer e passa a ser local do “ter que” estudar para não reprovar. Torna-se ainda parte de um processo passivo, onde o aluno só ouve o que o professor tem a dizer, fazendo com que o alvo de avaliação seja o professor. Para Charlot (2002), esse processo todo já é grande ponto de tensão a ser considerado no cotidiano dessas instituições. (PEDROSA, p. 30, 2011)

Em relação às consequências aos alunos envolvidos em atos de violência na escola, em alguns casos ocorrem a punição disciplinar (conversar com a diretora, advertência, suspensão, expulsão, conversar com os pais do aluno, castigo aplicado pelos pais) e em alguns momentos a punição policial (quando a polícia é acionada para solucionar o caso).

Nesse contexto de várias violências, temos consequências que acabam por acentuar o clima de tensão na escola, segundo um círculo vicioso. Como exemplo de reforço para a problemática, temos o absenteísmo e a desvalorização social dos estabelecimentos rotulados como violentos, além de que as escolas consideradas violentas são vistas, pelo senso comum, como uma responsabilidade dos alunos, professores, familiares e comunidade, sendo que, na maioria das vezes, a escola pública é a mais julgada por ser a que possui maior número de alunos matriculados. (PEDROSA, p. 32, 2011 apud ABRAMOVAY, VALVERDE, BARBOSA *et al*, 2005).

As consequências da violência escolar são muitas e profundas, que podem ser tanto para as vítimas, quanto para o agressor, apresentando problemas psíquico, físicos e punitivos.

Para a vítima da violência, as consequências podem ser um estrago, há uma evidente baixa autoestima, atitudes passivas, transtornos emocionais, depressão, ansiedade, pensamentos suicidas, e muitas outras ocorrências.

Com tudo isso, a perda de interesse pelas questões relativas aos estudos também começa a surgir, o qual pode provocar uma situação de fracasso escolar, assim como o aparecimento de transtornos de difícil resolução.

Pode-se detectar uma vítima da violência escolar por apresentar um constante aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito, por faltar frequentemente e ter medo das aulas, ou por ter baixo rendimento escolar.

... [elas] têm mais dificuldades de leitura e compreensão de textos [...], menor capacidade de atenção e concentração em tarefas, são ainda mais apáticas, desinteressadas pelas normas. Têm mais problemas disciplinares, mais suspensões, piores notas, repetências. O mau desempenho escolar afeta a auto percepção de competência e motivação para as atividades escolares. Esses aspectos estão associados a uma baixa autoestima e à violência dentro das escolas. (MILANI, p.4, 2010 apud CARDIA, 1997)

Além disso, também atinge a saúde física, apresentando dificuldade para conciliar o sono, dores no estômago, no peito, dores de cabeça, náuseas e vômitos, choro constante, e um vasto quadro clínico de doenças surgidas.

Porém, isso não significa que todos os adolescentes que apresentam esse quadro clínico estejam sofrendo violência escolar, mas essas situações já são uma alerta, principalmente para os pais desconfiarem de que seus filhos podem estar sofrendo violência na escola, podendo ser indícios a serem analisados. Antes de dar um diagnóstico ao problema, é necessário que antes se investigue e se observe mais o adolescente, pois só através de uma consulta médica é que se pode afirmar se realmente há um problema, onde o médico especializado pode ajudar a resolver esse impasse.

Quanto aos agressores, pode haver indícios de que essas atitudes cometidas dentro da escola se tornem condutas criminais. Para o agressor, a violência dificulta a convivência com os demais adolescentes, e o faz agir de forma autoritária e violenta, chegando em muitos casos a converter-se em um delinquente. Geralmente, o agressor se comporta de uma forma irritada, impulsiva e intolerante. Não sabem perder, necessitam impor-se através do poder, da força e ameaça, se envolvem em discussões e exteriorizam constantemente uma autoridade exagerada.

4.3 Prevenções para violência na escola

Existem várias formas de prevenir a violência na escola, mas a família tem o dever de ser a pioneira para essa solução, sendo ela o primeiro grupo, a primeira escola e comunidade para a experiência do convívio do adolescente em sociedade.

Os pais devem estar sempre cientes dos problemas que seus filhos possuem, devendo ajudá-los a resolvê-los. Devem protegê-los, oferecer amor, carinho, respeito, compreensão, e acima de tudo devem educá-los. Em geral, os adolescentes que sofrem violência doméstica

não a interpretam como um problema, mas sim como um direito natural dos pais ou algo normal na linguagem familiar.

Em segundo lugar, a instituição escolar deve também agir na educação, ensino e incentivo sociocultural para o adolescente. As escolas ainda estão muito isoladas nesse quesito violência e acabam não analisando os problemas que os alunos vêm enfrentando nos arredores da instituição e dentro das salas de aula.

Na formulação e implementação de iniciativas para sua redução, o papel da saúde parte da inserção dos seus profissionais nessa discussão, com uma reflexão conjunta sobre as medidas de enfrentamento do problema. Educação e saúde devem também buscar parcerias com outros seguimentos da sociedade, como os conselhos tutelares, Ministério Público e universidades (GOMES, FONSECA, 2005). Além disso, é fundamental que as relações entre aluno e escola e escola e família sejam reforçadas para a construção de um caminho de não-violência. (MIRANDA, 2004). (PEDROSA, 2011, p.32)

Há casos de violência que chegam a ocorrer com os alunos, os educadores e funcionários, e a escola se recusa a enxergar tamanha violência existente naquele ambiente, por diversas vezes fechando os olhos e preferindo não se envolver em problemas, onde acreditam que não lhes dizem respeito, ou até mesmo estão bastante acostumados com a violência rotineira no ambiente escolar que não dão a importância devida. Mas os educadores e funcionários escolares possuem também responsabilidade pela violência escolar e devem agir de maneira mais ágil para acabar com esse obstáculo.

Um professor realmente ciente das responsabilidades que lhes são confiadas deve tomar partido dos problemas de sua época. Ele deve tomar partido não cegamente, mas à luz do que sua educação e sua instrução lhes permita fazer. Ele deve tomar partido para conhecer verdadeiramente quais são as relações sociais, quais são os valores morais de sua época. Ele deve se engajar não somente com seu trabalho de escritório, e não somente para a análise das situações econômicas ou sociais de seu tempo e de seu país; ele deve ser solidário com seus estudantes, aprendendo com eles quais são as suas condições de vida, por exemplo. Ele deve constantemente buscar novas ideias e modificar a si próprio para um contato permanente com uma realidade em evolução permanente, feito da existência de todos e que deve atender aos interesses de todos. (WALLON, p. 130, 2007)

As escolas não devem fingir ou esconder que não há casos violentos em seu interior, muitas preferem não divulgar para a sociedade ou não pedir ajuda com receio de que a escola possa ficar com má impressão e que seus funcionários são incapazes de solucionar os casos sozinhos. Devem haver debates públicos, expor o que está ocorrendo, fazer reuniões com os pais dos alunos e principalmente com os principais envolvidos ativamente nessas ações, os próprios alunos.

Se tem um problema a ser combatido, então toda ajuda é válida, não há espaço para esconderijos, omissões e muito menos descuidos. Pois, a violência na escola entre adolescentes é um problema sério e que só se agrava a cada dia.

Para que a instituição escolar não seja tão somente uma instituição disciplinar, mas também um espaço de criação e transformação social, comprometida com a formação de cidadãos e adolescentes críticos e reflexivos, ela precisa propiciar a articulação entre diferentes contextos, subjetivos, sociais e culturais, trata-se de compreender e construir processos educativos em que diferentes sujeitos, de forma autônoma, elaborem uma consciência crítica na relação de reciprocidade cooperativa e conflituosa com outros sujeitos, criando, sustentando e modificando contextos significativos que interajam dinamicamente com outros contextos.

Todas as contradições, conflitos de interesse, relações de poder, discriminações, exclusões e formas de violência presentes na sociedade estão presentes também no interior das escolas. Os problemas sociais invadem as salas de aula, interferindo nos processos de aprendizagem escolar. Assim, a escola é uma instituição que utiliza o poder disciplinar para o controle social.

É necessário reconhecer que há poucas medidas protetivas para a prevenção à violência entre adolescentes nas escolas. Com a magnitude e complexidade que esse problema vem tomando força nos dias atuais, é óbvio que qualquer iniciativa em busca de soluções, por mais simples que seja não pode ser reducionista.

Qualquer projeto de prevenção da violência passa por uma “articulação Inter setorial, interdisciplinar, multiprofissional e com organizações da sociedade civil e comunitária que militam por direitos e cidadania. Sobretudo, há que atuar com uma visão ampla do fenômeno, mas em níveis locais e específicos. (MILANI, p. 5 apud MINAYO, 1994, p. 7)

A escola apenas obtém o interesse em ensinar, transmitir conteúdos, habilidades e competências para a inserção no mercado, estando mais sensível às exigências do mercado do que aos grandes embates da sociedade. Diante disso, a escola sofre pressão frequentemente em relação a essa dogmática e esquecem por muitas vezes de ensinar fatores importantes como bom comportamento, boa conduta com o próximo, respeito, dignidade e condições mínimas exigidas para um bom convívio com escolar.

Ao revisar os estudos inovadores no campo da redução da violência juvenil nas Américas, MCALISTER conclui que esta pode ser alcançada, a longo prazo, através da educação e da comunicação dirigidas à mudança de atitudes e ao desenvolvimento de habilidades, com as seguintes estratégias:

- (1) educação e terapia direcionados aos pais para melhorar as suas práticas na criação dos filhos;
- (2) educação e programas centrados nas escolas visando alterar os fatores ambientais (redução da disponibilidade de armas de fogo e outras; aumento da disponibilidade de reações não violentas; redução das desigualdades na qualidade de vida; modificar as consequências, de modo a punir a violência e premiar a não-violência);
- (3) programas comunitários que incluam escolas, meios de comunicação, organizações comunitárias e outros foros, num esforço para mudar atitudes,

desenvolver habilidades e promover mudanças nas políticas sociais e nos ambientes. (MILANI, p. 5 apud McALISTER, p.32, 1998)

Deve-se analisar casos individuais e gerais acerca do tema violência na escola, tanto para o agressor quanto para a vítima, porque geralmente a vítima exerce um papel de vulnerabilidade, e os demais acabam aproveitando-se da situação.

É necessário haver tanto ensinamento quanto tratamentos psicológicos aderidos a esses jovens, pois alguns praticam esses atos, recebem reclamações e continuam por praticar as mesmas condutas. Tem que ser feito um estudo de caso desse jovem, para saber se ele possui problemas pessoais, psíquicos, no ambiente escolar e em sua residência.

Porém, não se aprende a experimentar simplesmente vendo o professor experimentar, ou dedicando-se a exercícios já previamente organizados: só se aprende a experimentar, tateando, por si mesmo, trabalhando ativamente, ou seja, em liberdade e dispondo de todo o tempo necessário. (PIAGET, 1949, p.39).

Acima de todos os ensinamentos seja partindo dos pais ou da escola, o principal a ser aplicado aos adolescentes é educação. Educação é a chave para todo e qualquer lugar do mundo, abre portas para o desenvolvimento racional, psicológico e evolucionar de um indivíduo. Em vista disso, deve convidar o aluno a experimentar a sua própria reconstrução, tendo uma operação ativa, aprendendo aquilo que tem de aprender.

Ajudar os adolescentes com comportamentos agressivos é a principal chave para a erradicação da violência nas escolas. Inserindo psicólogos nas escolas, para desenvolverem conversas com os alunos e analisarem as situações problemas que cada um enfrenta ou vem enfrentando.

À visão dialética de Jean Piaget, em primeiro lugar, ele atribui uma importância muito grande à educação uma vez que não hesitou declarar abertamente que:

Somente a educação pode salvar nossas sociedades de uma possível dissolução, violenta ou gradual. A ação educativa é algo pelo que vale a pena lutar, confiando no êxito final: Basta recordar que uma grande ideia tem sua própria força e que a realidade é em boa parte o que queremos que seja para ter confiança e assegurar-se de que, partindo de nada, conseguiremos dar à educação, no plano internacional, o lugar que lhe corresponde por direito. (MUNARI, p.18, 2010 apud PIAGET, 1934, p.31).

Piaget enunciou uma regra fundamental para métodos de educação, ao contrário do que muitos pensam e imaginam, a coerção para ele é o pior método a ser utilizado para se educar uma pessoa:

A coerção é o pior dos métodos pedagógicos” (Piaget, 1949, p.28). Por conseguinte, “no terreno da educação, o exemplo deve desempenhar um papel mais importante do que a coerção” (Piaget, 1948, p. 22). Outra regra, igualmente fundamental e que propõe em várias ocasiões é a importância da atividade do aluno: “Uma verdade aprendida não é mais que uma meia verdade, enquanto a verdade inteira deve ser reconquistada, reconstruída ou redescoberta pelo próprio aluno” (Piaget, 1950,

p.35). Este princípio educativo repousa, para Piaget, em uma realidade psicológica indiscutível: “Toda psicologia contemporânea os ensina que a inteligência procede da ação”. Daí o papel fundamental que a pesquisa deve desempenhar em toda estratégia educacional: porém, esta investigação não deve ser abstrata: “A ação supõe pesquisas prévias e a investigação só tem sentido se leva à ação” (Piaget, 1951, p.28). (MUNARI, p.17-18 apud PIAGET, 1949, p.28, 1948, p. 22, 1950, p.35, 1951, p.28).

Diante disso, as escolas devem expandir para o debate público, revelando as dificuldades e tentativas de compreensão e enfrentamento da situação, para que a violência escolar possa deixar de ser vista como um fenômeno remoto e restrito à escola e possa ser analisado na sua discrepância e amplitude, como um fenômeno que não é só escolar, mas social, buscando soluções coletivas, levando à criação de políticas públicas para a solução do problema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é um período entre as fases da criança e adulto, e no decorrer desse lapso temporal o adolescente passa por diversas transformações, sejam elas emocionais, sociais, culturais, psicológicas e principalmente de descobertas e conhecimentos. Diante disso, ele tem que ser compreendido pela sociedade e por todos em meio a essa turbulência de atitudes e emoções em que está passando. Pois, qualquer comportamento inadequado que ele venha a obter poderá refletir diretamente em meio ao ambiente escolar em que frequenta.

Portanto, é essencial que sejam dados passos concretos nos aspectos da realidade que estão ao nosso alcance imediato, lutando por mudanças estruturais no nosso sistema educacional. O adolescente precisa ser visto como um desafio, enquanto ele for enxergado apenas como um problema será excluído da possibilidade de tornar-se um jovem adverso à violência.

As mudanças do vínculo social consequentes da época atual afetam as relações do adolescente com seus pais e como aluno com a escola e com os educadores. Estamos diante de um novo contexto que deve ser avaliado em toda a sua complexidade. Os adolescentes buscam diferentes formas de interação social, marcados pela descentralização, fragilidade e multiplicidade.

A educação é um processamento da formação no ser humano, que inclui não apenas uma propagação de conteúdos formais, mas também conteúdos sociais, culturais e psicológicos. É a peça fundamental para o êxito do desenvolvimento pedagógico. Ela é realizada entre dois encontros, o de ensinar e o de aprender. A educação ajuda a construir um sentido para a vida, e acaba por despertar nos adolescentes, o desejo de viver. Essa

comunicação envolve o imprevisto, o inesperado e o ineducável. E o principal meio para a melhoria de condutas dos adolescentes é sem dúvida alguma, a educação, que deve ser dada partindo principalmente da família do adolescente, dos professores, funcionários escolares e qualquer pessoa que possa contribuir para essa didática.

Não deve ter a punição como a principal maneira de educar um adolescente, porque na maioria dos casos só causa revolta e vingança, e apenas auxilia para o aumento e difusão da violência. Ao invés de medidas puramente proibitivas, é preciso incentivar esses adolescentes a respeitarem a si mesmos, para que eles possam se reconhecerem na sociedade.

A escola se ocupa de adolescentes em formação, que precisam ser amparados nesse momento de suas vidas e não pode manter-se alheia às transformações sociais, necessitam alterar seus métodos educacionais para a diminuição da violência. Contudo, a instituição escolar, por si só, não consegue proporcionar perspectivas para esses adolescentes que agem de modo violento e ofensivo, porém há muitas medidas que estão ao alcance do educador e de todos os envolvidos no sistema de ensino.

O crescente desinteresse do aluno pela aprendizagem e o aumento da violência nas escolas demonstram que a escola está em crise. A violência física, verbal e psicológica são as mais presentes entre os estudantes e educadores. Muitos professores não sabem como lidar com essas situações ou até mesmo não possuem interesses suficientes para a resolução. Para lidarem com essa situação, os educadores devem assumir posturas firmes e mais compreensivas, conversar com os pais, procurar o diálogo e apoiar o adolescente seja ela de maneira pedagógica ou emocional.

É importante que os responsáveis por atos violentos recebam uma atenção especial da escola e que seus pais sejam envolvidos no trabalho de reeducação dos mesmos. Para enfrentar a violência, é necessário que a educação tenha realmente prioridade. O orientador educacional deve estar preparado para atender aos alunos de modo integral e além dos conteúdos disciplinares, tratar de questões relacionadas à violência e compreender os problemas pelos quais seus alunos passam, podendo interferir e ajudar e desse modo, conquistar o respeito deles.

Diante dos fatos, podemos perceber o quanto é necessário a busca por parcerias nos setores de saúde e de educação para que o trabalho dos professores e demais profissionais da escola seja preservado em sua essência, bem como no auxílio aos pais desses alunos. Portanto, para a ação de combate a violência que ocorre no interior das escolas praticadas por adolescentes, toda e qualquer ajuda é bem-vinda, sendo necessária também a ajuda de

profissionais de outros órgãos. Pois, os adolescentes precisam receber um apoio suficiente para mudar sua cultura e adquirir bons valores morais e éticos.

ABSTRACT

This article presents a bibliographical research, where it will clearly and precisely address the issue of adolescence and violence in schools. Through a historical approach to adolescence, from ancient times to the present day. To show the concepts of violence, the different types and the main factors that lead adolescents to commit violent acts, especially in the school environment. Highlight the consequences that violence can have, more specifically, regarding school performance. Our goals are to emphasize the psychological reasons that lead adolescents to engage in violent acts at school. To present some forms of prevention, involving families and educators, in order to minimize these practices, as well as to obtain a healthier and safer school life for these adolescents and all that are part of the school context.

Keywords: Adolescents. Violence. School.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M (organizadora), Valverde DO, Barbosa DT, Avancini MMP, Castro MG, organizadores. **Cotidiano das escolas: entre violências** [Internet]. Brasília: UNESCO; 2005 [cited 2009 sep 22]. Available from: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>.

ABREL, Luiz Carlos Gonçalves. **A violência praticada por adolescentes na escola**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/falecomabreu/artigo-a-violencia-praticada-por-adolescentes-na-escola>> Acesso em 05 Novembro 2017.

BAZANI, Rose. **Comportamento agressivo da criança na escola e sua relação com a violência doméstica**. Disponível em: <<http://sentimentopsicologicos.blogspot.com.br/2014/06/>> Acesso em 08 Novembro 2017.

BENEVIDES, Patrícia de Oliveira & GUERREIRO, Pérola Maria da Silva. **Adolescência e violência na escola: um estudo realizado no município de Belém. Pará: Universidade da Amazônia, 2001. Disponível em** www.nead.unama.br/site/bibdigital/.../adolescencia_violencia.pdf, acesso em 26 de março de 2010.

BISPO, Fábio Santos; LIMA, Nádia Laguárdia de. **A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n2/08.pdf>> Acesso em 08 Novembro 2017.

BONETI, Lindomar Wessler; PRIOTTO, Elis Palma. **Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola**. Revista Diálogo Educacional, v. 9, n. 26, p. 161-179, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMARGO, Orson. **"Bullying"**; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 07 de novembro de 2017.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. **Sofrimentos sociais em debate**. Psicol USP. 2003;14(3):57-72.

CASTILLO, Gerardo. **Adolescentes e violência escolar**. Disponível em: <<http://educacao.aaldeia.net/violencia-escolar/>> Acesso em 06 Novembro 2017.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima. et al. **Violência escolar e adolescência: um enfoque Psicossociológico**.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social**. Artigo publicado na Revista de Psicanálise em Março de 2005. Trabalho é parte integrante da tese de doutorado Ilusão e Errância: Adolescência e Laço Social Contemporâneo na Interface entre a Psicanálise e as Ciências Sociais, defendida em fevereiro de 2002 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica

da PUC-Rio.

_____. **Ilusão e Errância: Adolescência e Laço Social Contemporâneo na Interface entre a Psicanálise e as Ciências Sociais.** Editora Nau, 2002.

CHARLOT, Bernard. Prefácio. In: Abramovay M (organizadora), Valverde Do, Barbosa DT, Avancini MMP, Castro MG, organizadores. **Cotidiano das escolas: entre violências [Internet]**. Brasília: UNESCO; 2005 [cited 2009 sep 22]. Available from: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>. p.17-25>.

FIOROTTI, Silas. **Violência no contexto escolar.** Disponível em: <<http://disturbiossociais.blogspot.com.br/2012/06/violencia-no-contexto-escolar.html>> Acesso em 07 Novembro 2017. Postado em 5 de Junho de 2012 no Blog Distúrbios Sociais.

GOUVEIA, Elma Telles. **Adolescência e violência na escola e o trabalho da orientação educacional diante dessa problemática.** Trabalho monográfico apresentado como requisito parcial para a obtenção de Grau de Especialista pela Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro. Junho/2010. Acesso em 23 de Novembro de 2017.

KRTICKA , Eliane Barbara . **Comportamento Agressivo da Criança na Escola e sua Relação com a Violência Doméstica.** Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/178372052/Comportamento-Agressivo-da-Crianca-na-Escola-e-sua-Relacao-com-a-Violencia-Domestica>> Acesso em 07 de Novembro de 2017. Artigo Publicado em: 05 de Maio de 2013

LEME, M. I. S. (2004). **Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3) 367-380.

MARCELOS, Viviane Avelino. **A Violência Escolar.** Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/sociologia/violencia-escolar.htm>> Acesso em 05 Novembro 2017.

MICHAAN, Léa. **Jovens violentos – Porque eles estão cada vez mais agressivos?** Disponível em: <<https://psicologaresponde.wordpress.com/category/adolescentes-agressivos/>>.

MILANI , Feizi M. **Adolescência e violência: mais uma forma de exclusão.** *Educ. rev.* no.15 Curitiba Jan./Dec. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601999000100009> Acesso em 29 de Novembro de 2017. Artigo publicado no site Scielo.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência: um problema para a saúde dos brasileiro.** In: Ministério da Saúde; Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros.* Brasília (Brasil): Ministério da Saúde; 2005. p.19.

_____. **A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública.** *Cadernos de*

Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.10 (supl. 1), p. 07-18, 1994.

_____. **Relaciones entre procesos sociales, violencia y calidad de vida**. Salud Colectiva, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 69-78. 2005.

PEDROSA, Sheila Mara. **A violência no contexto escolar: concepções e significados a partir da ótica de professores de uma instituição de ensino público**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás para obtenção do título de Mestre em Enfermagem. Goiás, 2011.

MUNARI, Alberto; PIAGET, Jean; **tradução e organização**: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 156 p.: il. – (Coleção Educadores)

SANTOS, Alessandra Cardoso. **Violência no contexto escolar: breve análise do enfrentamento da violência na escola municipal prof.^a eufrosina Miranda**. Salvador, 2011. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção da graduação em pedagogia com habilitação em anos iniciais, do departamento de educação da universidade do estado da Bahia.

SANTOS, Valdeci Antonio dos. **Adolescência: uma fase de mudança**. Disponível em: <<https://oficinadepsicologia.com/adolescencia-uma-fase-de-mudanca/>> Acesso em 01 Novembro 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. (1989). **Pensamento e linguagem** (2^a ed). São Paulo: Martins Fontes.

_____ et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, Edusp, 1988.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henrique. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. São Paulo: Vozes, 2008.

